

MERCOSUL: origem, evolução e impactos no comércio brasileiro

Maria Auxiliadora de Carvalho¹

1 - INTRODUÇÃO

Em suas origens, todos os países latino-americanos eram economias primário-exportadoras. Com a receita da venda desses produtos importavam praticamente todos os demais industrializados que consumiam.

Desde a independência até a crise dos anos 30s, o desenvolvimento da maioria desses países latino-americanos era baseado na ortodoxia clássica. Se os governos deixam as regras dos mercados prevalecer, as trocas internacionais se dão de acordo com os custos comparativos. A argumentação de RICARDO (1982) a respeito das vantagens comparativas mostra que, sob liberdade de comércio, há maior eficiência na alocação dos recursos, maior produção e bem-estar mundial. Por esta lógica, sob livre comércio os países da América Latina teriam vantagens naturais no comércio de produtos primários, dado que a abundância de produtos naturais e de mão-de-obra tornaria seus custos relativamente mais baratos.

A partir da década de 30 a América Latina foi levada a optar pela estratégia de industrialização voltada para dentro porque a crise econômica reduziu os preços internacionais dos produtos exportados pela região, bem como suas exportações. Isso dificultou a importação de produtos manufaturados e tornou sua produção local mais atrativa. Além disso, o forte protecionismo que prevaleceu no mundo durante essa crise dificultava pensar em uma indústria voltada para fora². Assim teve início o processo de substituição de importações (RAMOS, 1993).

No final da década de 40, Raul Prebisch (PREBISCH, 1944), economista da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), formulou a base teórica que justificou a

continuidade do modelo de substituição de importações implementado durante a crise. A partir da constatação empírica de que os termos de troca dos países exportadores de produtos primários deterioraram-se nos períodos 1876/80 - 1946/47, PREBISCH (1949) argumentou que a hipótese clássica acerca da distribuição dos benefícios das trocas entre nações industrializadas e economias periféricas era falsa. Nas nações produtoras de matérias-primas, o avanço tecnológico é rapidamente absorvido pelos consumidores através da queda dos preços. Já os preços dos produtos industrializados não declinam com o progresso técnico, ou declinam menos que os preços dos produtos primários, porque os fatores de produção absorvem os ganhos de produtividade através do aumento de suas remunerações.

A maneira proposta para corrigir essa falha do mercado, para PREBISCH (1949), era induzir o desenvolvimento industrial e o Estado deveria ser o gestor desse processo, inibindo importações e criando facilidades de infra-estrutura, crédito, treinamento, etc. A integração econômica da região era parte da proposta, dado que era considerado necessário expandir o mercado para possibilitar ganhos de escala na produção industrial. A criação da Associação Latino-Americana de Livre Comércio (ALALC), em 1960, constituiu o marco inicial do processo de integração que levou à formação do MERCOSUL em 1991.

Com o MERCOSUL, os quatro parceiros, Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, visaram acelerar o processo de integração regional rumo à maior autonomia econômica e maior peso político nas negociações internacionais.

A independência econômica planejada com o modelo de substituição de importações e integração regional não foi alcançada. Com a evolução foram surgindo crises, ajustes e novas formas de dependência, aumentando a vulnerabilidade externa da região, ao invés de reduzi-la, como previsto. Hoje a região está em crise, submetida mais uma vez ao estrangulamento externo. Decorrentes dessas dificuldades surgiram dúvidas até mesmo sobre a continuidade do MERCOSUL.

¹Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

²A década de 30 foi marcada por profunda crise econômica mundial em que cada país procurou se defender com barreiras às importações e desvalorizações da moeda. Isso levou à redução das trocas internacionais e agravou a crise.

Há boas razões para se afirmar que isso não está em discussão. A experiência de integração dos sócios no MERCOSUL fortaleceu a região nas negociações internacionais, resultou em grande expansão do comércio regional e a temida supremacia da indústria brasileira sobre os demais parceiros não se concretizou. Por essas razões supõe-se que essa seja apenas mais uma das muitas crises enfrentadas pela região. Uma vez vencida, o bloco deve retomar as negociações e avançar para a planejada formação do Mercado Comum do Sul.

Este trabalho traz inicialmente uma breve história das origens e evolução do MERCOSUL. Apresenta, em seguida, estatísticas do comércio regional, com ênfase nos produtos agrícolas. A idéia é mostrar os impactos da integração econômica sobre as trocas realizadas pelo Brasil com seus parceiros do bloco.

2 - ORIGEM E EVOLUÇÃO DO MERCOSUL

A proposta dos economistas da CEPAL, liderados pelo argentino Raúl Prebisch, resultou na criação da ALALC, pelo Tratado de Montevidéu, firmado em 1960, envolvendo Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru e Uruguai. Posteriormente, foram incluídos Bolívia, Colômbia, Equador e Venezuela.

Os objetivos estabelecidos por esse Tratado foram os seguintes: ampliar as dimensões dos mercados nacionais com a eliminação gradual das barreiras ao comércio intra-regional; melhorar o aproveitamento dos fatores de produção; e contribuir para o incremento do comércio dos países latino-americanos entre si e com o resto do mundo, por meio do fortalecimento das economias nacionais.

Inicialmente, estipulou-se um prazo de até doze anos, a partir da assinatura do Tratado, para atingir esses objetivos. Quanto à eliminação das barreiras, cada país tinha metas definidas de acordo com seu grau relativo de desenvolvimento. Isso significava que os mais atrasados tinham menores obrigações de abertura de seus mercados.

A estratégia básica consistia na redução gradual das barreiras ao comércio entre os membros. Para acelerar o processo, pela cláusula de nação mais favorecida (NMF), as concessões feitas a qualquer país deveriam ser estendi-

das incondicionalmente a todos os membros.

Os obstáculos eram grandes, pois a integração envolvia trocas de produtos quase exclusivamente primários, instabilidade monetária, longas distâncias, dificuldades de transporte e comunicação, atraso tecnológico, etc. Ao longo do tempo surgiram fatores de natureza política que comprometeram o sucesso do empreendimento, dentre os quais a instabilidade política de vários países da região, os receios de perda de soberania nacional e a ausência de um aparato burocrático supra-nacional, capaz de impor o cumprimento dos termos do Tratado. Com todos esses entraves, o prazo foi prorrogado para 31 de dezembro de 1980. Pouco antes de expirar esse prazo, no entanto, os sócios da ALALC decidiram por uma mudança de estratégia.

Em 12 de agosto de 1980 firmou-se o Tratado de Montevidéu, que extinguiu a ALALC e a substituiu pela Associação Latino-Americana de Integração (ALADI). Como a ALALC, a ALADI também tem sede em Montevidéu e é constituída pelos mesmos signatários.

O objetivo de longo prazo da ALADI é o estabelecimento gradual e progressivo de um mercado comum latino-americano. A estratégia para alcançar essa meta é a preferência tarifária regional, isto é, todas as barreiras alfandegárias incidentes sobre a importação, e não apenas as tarifas, serão inferiores para os países da região em relação àquelas cobradas nas importações procedentes de outros países.

Uma vez que existem diferenças significativas dentro da região, ficou acordado que os países mais avançados devem conceder maior redução tarifária aos de menor desenvolvimento e vice-versa. Dentre os considerados mais avançados encontram-se Argentina, Brasil e México. Os menos desenvolvidos são Bolívia, Equador e Paraguai³. As reduções não abrangem todo o comércio, pois cada país-membro tem listas de exceções dos produtos considerados mais sensíveis.

³Exemplificando: quando Paraguai e Bolívia importam do México, as barreiras existentes sobre importações de fora da região sofrem redução de 8%. Quando o fluxo de mercadorias é inverso, a redução é de 48%. Note-se que, pelas regras da ALADI, quando esses países importam do Brasil e da Argentina as barreiras comerciais deveriam ter as mesmas reduções que no caso mexicano. No entanto, como esses países fazem parte do MERCOSUL, obedecem aos termos do Tratado de Assunção.

Com o propósito de acelerar o processo de integração, a ALADI prevê e recomenda a realização de acordos de alcance parcial, ou seja, aqueles dos quais fazem parte apenas alguns países membros. Nesses casos não se aplica a cláusula NMF, isto é, na formação de subgrupos de países não existe a obrigatoriedade de estender aos demais as vantagens recíprocas concedidas.

O MERCOSUL, constituído a partir do Tratado de Assunção entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai, enquadra-se nesse caso. A própria exposição de motivos para sua criação deixa claro: “... o presente Tratado deve ser considerado como um novo avanço no esforço tendente ao desenvolvimento progressivo da integração da América Latina, conforme o objetivo do Tratado de Montevideu, de 1980” (BRASIL, 1992).

Com a criação do MERCOSUL, o Brasil passou a dar tratamento preferencial às trocas com os três países citados. Com os demais membros da ALADI o comércio brasileiro continua obedecendo aos termos do Tratado de Montevideu. Chile e Bolívia são exceções porque em 1996 o MERCOSUL firmou acordos para, no prazo máximo de dez anos, criar área de livre comércio entre esses países e os membros do MERCOSUL⁴.

A criação do MERCOSUL foi precedida por alguns acordos bilaterais entre Brasil e Argentina. Em julho de 1986, os presidentes dos dois países assinaram a Ata para a Integração Argentino-Brasileira, que instituiu o Programa de Integração e Cooperação Econômica (PICE). Em 1988, assinaram o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, que tinha por objetivo constituir um espaço econômico comum no prazo máximo de dez anos, por meio da liberalização comercial.

Nessa primeira etapa, foram assinados também 24 protocolos sobre temas específicos, como bens de capital, trigo, indústria automobilística, etc. Tais documentos foram consolidados no Acordo de Complementação Econômica n. 14, assinado em dezembro de 1990, no âmbito da ALADI. Esse acordo, por sua vez, foi complementado e estendido ao Paraguai e ao Uruguai pelo Tratado de Assunção, de 26 de março de 1991, data em que foi criado o MERCOSUL,

⁴O acordo com o Chile aconteceu em 25/06/96, e com a Bolívia em 17/12/96. No ano seguinte teve início o processo de desgravação progressiva das barreiras comerciais entre esses países e o MERCOSUL.

caracterizado por:

- livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos entre os países, por intermédio, entre outros, da eliminação dos direitos alfandegários, de restrições tarifárias à circulação de mercadorias ou de qualquer medida de efeito equivalente;
- estabelecimento de uma tarifa externa comum (TEC), adoção de uma política comercial comum em relação a terceiros Estados ou agrupamentos de Estados e coordenação de posições em foros econômico-comerciais regionais e internacionais;
- coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais e outras - de comércio exterior, agrícola, industrial, fiscal, monetária, cambial, de capitais, de serviços, alfandegárias, de transporte e comunicação, etc. - que se acordem, com a finalidade de assegurar condições adequadas de concorrência entre os Estados-Partes;
- compromisso dos Estados-Partes de harmonizar suas legislações nas áreas pertinentes para lograr o fortalecimento do processo de integração.

Para minimizar os impactos e as resistências dos agentes econômicos, foi estabelecida uma fase de transição para o novo modelo. A plena consolidação do MERCOSUL foi prevista para 2006, quando até mesmo os produtos considerados “sensíveis” estariam submetidos a idêntico regime comercial em todos os Estados-Partes⁵.

Da assinatura do Tratado até 31 de dezembro de 1994 viveu-se a transição para a zona de livre comércio, período em que a preocupação era remover obstáculos tarifários e não-tarifários à livre circulação de produtos.

Nessa etapa, a liberalização do comércio contou com duas estratégias: um programa de desgravação progressivo, linear e automático de forma a atingir tarifa zero em 31 de dezembro de 1994 e a eliminação progressiva das barreiras não-tarifárias ou de medidas de efeito equivalente sobre o comércio recíproco.

Ficaram excluídos do cronograma de desgravação os produtos compreendidos nas listas de exceções apresentadas pelos Estados-Partes. No entanto, o número de itens dessas listas deveria ser reduzido à razão de 20% anuais até 31 de dezembro de 1994. Paraguai e Uruguai tiveram um ano a mais de prazo para cumprir

⁵Bens de capital, de informática e os da indústria química são considerados produtos “sensíveis” em razão da diversidade de estruturas produtivas dos países.

esse cronograma.

A partir de 1995 o MERCOSUL evoluiu para a fase de união aduaneira. Em agosto de 1994, em Buenos Aires, foi acordada a Tarifa Externa Comum (TEC) para todos os produtos, inclusive os "sensíveis". O limite máximo estabelecido para a TEC é de 20%. Como em alguns casos os países cobravam tarifa mais elevada do que esse percentual, ficou estabelecido prazo até 2001 para que todos se adaptassem ao teto fixado, com exceção dos bens de informática, cujo prazo era 2006.

Para harmonizar as relações econômicas e assegurar condições adequadas de concorrência entre os países, foram estabelecidas algumas regras referentes ao comércio, que incluem o Regime Geral de Origem e as Cláusulas de Salvaguarda.

Pelo Regime Geral de Origem, o Tratado estabelece regras referentes à origem das mercadorias objeto do comércio entre os Estados-Partes, buscando evitar que o comércio de produtos importados de terceiros venha a se beneficiar das reduções de gravames e restrições acordadas entre os participantes do MERCOSUL. Esse regime deveria prevalecer durante a fase de transição⁶.

As Cláusulas de Salvaguarda também constituem regras para o período de transição. São válidas para os casos excepcionais em que as importações de determinado produto procedente de um dos parceiros causarem dano ou ameaça de dano grave ao mercado de outro. Havendo um sensível aumento das importações em curto período, o país importador pode pleitear salvaguarda e negociar uma quota para a importação do produto em questão. Após a fase de transição, não haverá salvaguardas no comércio intra-MERCOSUL, mas todos os Estados-Partes terão o mesmo regime de salvaguardas no comércio com terceiros.

A sede do MERCOSUL é Montevidéu, no Uruguai, e sua estrutura orgânica foi consolidada no protocolo de Ouro Preto, de 1995. Os órgãos de decisão são o Conselho do Mercado Comum e o Grupo Mercado Comum.

⁶Uma vez extintas as exceções à TEC, o Regime Geral de Origem também estaria automaticamente extinto. Até lá, para receber o tratamento de produto regional, sem barreiras, os bens sujeitos a tarifas nacionais diferenciadas deveriam ter, no mínimo, 60% de valor agregado regional. A idéia é evitar operações de triangulação de comércio.

O Conselho do Mercado Comum é o órgão superior, cabendo-lhe a condução da política e a tomada de decisões para assegurar o cumprimento dos objetivos e prazos estabelecidos para a constituição definitiva do mercado comum. Integram o Conselho os ministros das Relações Exteriores e os ministros da Economia dos países membros.

O Grupo Mercado Comum é o órgão executivo, coordenado pelos Ministérios das Relações Exteriores, e inclui representantes dos Ministérios da Economia e dos Bancos Centrais. O Grupo tem as seguintes funções:

- velar pelo cumprimento do Tratado;
- tomar as providências necessárias ao cumprimento das decisões do Conselho;
- propor medidas concretas, visando à aplicação do Programa de Liberação Comercial, a coordenação de política macroeconômica e a negociação de acordos com terceiros; e
- fixar programas de trabalho que assegurem avanços para o estabelecimento do Mercado Comum.

Ficou a cargo do Grupo Mercado Comum a formação de dez subgrupos de trabalho para tratar de temas específicos. Além disso, pelo Protocolo de Ouro Preto, foi instituída uma Comissão de Comércio, para acompanhamento da implementação da união aduaneira, uma Comissão Parlamentar Conjunta, para representar os parlamentares nacionais no processo de integração, um Foro Consultivo Econômico-Social, órgão de representação dos setores econômicos e sociais e uma Secretaria Administrativa do MERCOSUL, com função de apoio administrativo.

O MERCOSUL tem personalidade jurídica de direito internacional, o que lhe possibilita assumir direitos e obrigações como entidade distinta dos países que o integram. Quanto à aplicação interna das decisões, foi adotado o sistema de incorporação obrigatória, ou seja, as decisões não têm aplicação direta, mas os membros assumiram o compromisso de incorporá-las às respectivas legislações nacionais.

3 - DESEMPENHO DO COMÉRCIO BRASIL-MERCOSUL

A formação do MERCOSUL teve forte impacto sobre o comércio exterior brasileiro. No começo da década de 80 a importância relativa dos países do MERCOSUL no total do comércio

do país girava em torno de 4% a 5% e, entre 1997-1998, atingiu o pico de 16% das importações e 17% das exportações brasileiras (Figura 1 e Tabela 1).

Ressalte-se que inicialmente as importações mostraram reação mais rápida. Os acordos bilaterais entre Brasil e Argentina tiveram início em 1986. Como esse ano foi atípico devido à implementação do Plano Cruzado, sucedido por forte valorização cambial, é provável que o aumento das importações brasileiras deva-se mais a esse acontecimento que aos acordos bilaterais. No entanto, mesmo desconsiderando esse ano, verifica-se que a participação do MERCOSUL nas importações brasileiras passou de 5,9% em 1987, para 7,8% no ano seguinte e chegou a 12% em 1989, enquanto as exportações brasileiras para os demais membros do bloco ainda mantinham-se em torno de 4% do total.

A partir de 1991, ano da assinatura do Tratado de Assunção que criou o MERCOSUL, as exportações brasileiras para os demais parceiros passaram a crescer rapidamente. Representavam cerca de 4% de suas exportações totais em 1990 e, em 1993 já alcançavam participação de 14%, chegando a 17% entre 1997-1998.

Nos últimos vinte anos, o ponto mais baixo do comércio brasileiro com os parceiros do MERCOSUL aconteceu em 1983, quando as importações foram de US\$521 milhões contra exportações de US\$992 milhões. O pico se deu em 1997, com exportações multiplicadas por nove e importações por dezoito. Neste ano os valores ultrapassaram US\$9 bilhões (Tabela 1).

Logo depois da formação do MERCOSUL o Brasil teve vantagens, apresentando superávits comerciais por três anos consecutivos. Esses anos sucederam a adoção do plano de conversibilidade argentino, que implicou valorização do peso e grande crescimento de suas importações. A situação foi revertida com a adoção do Plano Real, em 1994. Desta vez, a valorização aconteceu com a moeda brasileira, contribuindo para inverter o fluxo de comércio. De lá para cá as trocas têm sido desfavoráveis ao Brasil, mesmo após a brusca desvalorização da moeda nacional em janeiro de 1999 (Figuras 2 e 3).

A Argentina é o principal parceiro brasileiro no MERCOSUL. Nos últimos três anos absorveu cerca de 80% das exportações brasileiras, enquanto originou aproximadamente 90% das importações. O curioso é que a formação do

MERCOSUL intensificou mais o comércio brasileiro com esse país (Tabela 2 e Figuras 4 e 5).

Entre 1990 e 1997 o valor das exportações para os parceiros do MERCOSUL cresceu a uma taxa média anual de 28%, contra taxa de 27% para as importações. Em ambos os casos as trocas com a Argentina apresentaram taxa de crescimento cinco pontos percentuais mais elevada que essa média. Assim, embora em valor absoluto o comércio com os outros membros do bloco tenha crescido a taxas entre 13% e 22% no período, esses países perderam importância relativa no comércio com o Brasil.

Nos últimos anos, o comércio intra-bloco passou a declinar. As receitas brasileiras com exportação, que superaram US\$9,0 bilhões em 1997, caíram para US\$6,4 bilhões em 2001, e o acumulado até setembro de 2002 totalizou apenas US\$2,4 bilhões. As despesas brasileiras com importação também caíram, mas em ritmo menos acelerado: em 1997 ultrapassaram US\$9,5 bilhões, atingiram cerca de US\$7,0 bilhões em 2001 e, até setembro de 2002, acumularam US\$4,2 bilhões.

O comércio com o MERCOSUL foi relativamente mais importante para o Brasil em 1998, ano em que 17,4% de suas exportações destinaram-se aos demais membros do bloco e 16,3% das importações tiveram origem nos outros países. Daí em diante, as trocas com o MERCOSUL tiveram declínio em valor absoluto e, como a partir de 2000 o comércio total do Brasil voltou a crescer, a importância relativa do bloco teve queda ainda mais acentuada. Para 2002, as informações disponíveis até setembro mostram que apenas 5,4% das exportações brasileiras foram destinadas ao MERCOSUL (Tabela 1).

Veículos automóveis, tratores, etc., partes e acessórios (capítulo NCM 87)⁷ ocupam primeiro lugar no comércio brasileiro com o MERCOSUL. Correspondem a 13,8% das exportações para o bloco e a 21,8% das importações. Desde o início da integração esse grupo de produtos liderou as exportações brasileiras, mas a liderança nas importações é fato recente. Observe-se que em 1992, ano seguinte à assinatura do Tratado de Assunção, o saldo comercial desse capítulo era muito favorável ao Brasil, com expor-

⁷Os produtos transacionados com o exterior são classificados pela Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM). Os capítulos referem-se a agregados de produtos de determinada categoria.

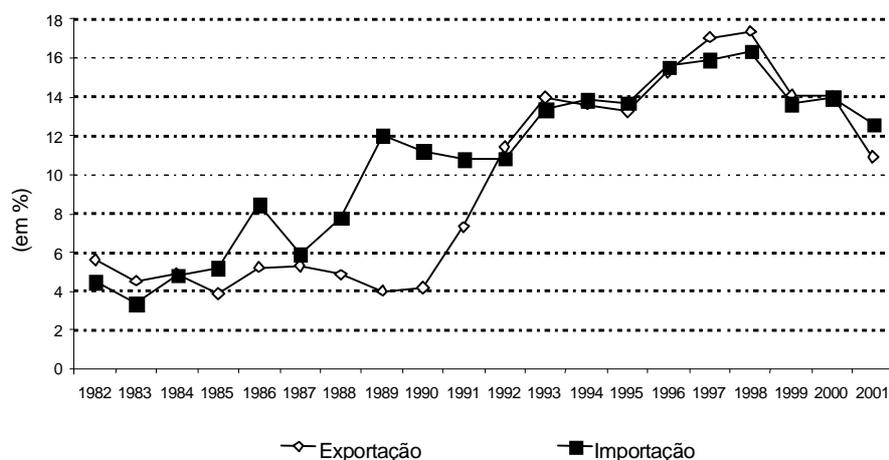


Figura 1 - Participação do MERCOSUL no Comércio Exterior Brasileiro, 1982-2001.

Fonte: Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/indicadores/default.htm>>. Acesso em: 2002.

TABELA 1 - Comércio Exterior Brasileiro, 1982-2002

Ano	Total geral (US\$ milhão)			MERCOSUL (US\$ milhão)			MERCOSUL/Total (%)	
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação
1982	20.181	19.395	786	1.129	868	260	5,6	4,5
1983	21.903	15.429	6.474	992	521	471	4,5	3,4
1984	27.007	13.907	13.099	1.322	674	648	4,9	4,8
1985	25.639	13.167	12.472	990	684	307	3,9	5,2
1986	22.349	14.042	8.306	1.170	1.188	-18	5,2	8,5
1987	26.224	15.050	11.174	1.388	888	500	5,3	5,9
1988	33.790	14.603	19.186	1.643	1.138	505	4,9	7,8
1989	34.383	18.257	16.126	1.380	2.194	-814	4,0	12,0
1990	31.414	20.661	10.752	1.320	2.320	-999	4,2	11,2
1991	31.620	21.041	10.579	2.309	2.268	41	7,3	10,8
1992	35.793	20.554	15.239	4.097	2.229	1.869	11,4	10,8
1993	38.555	25.256	13.299	5.387	3.378	2.009	14,0	13,4
1994	43.545	33.079	10.466	5.921	4.583	1.338	13,6	13,9
1995	46.506	49.972	-3.466	6.154	6.844	-690	13,2	13,7
1996	47.747	53.346	-5.599	7.305	8.302	-996	15,3	15,6
1997	52.994	59.838	-6.844	9.047	9.517	-470	17,1	15,9
1998	51.140	57.714	-6.575	8.878	9.428	-549	17,4	16,3
1999	48.011	49.210	-1.199	6.778	6.719	59	14,1	13,7
2000	55.086	55.834	-749	7.733	7.794	-61	14,0	14,0
2001	58.223	55.573	2.649	6.364	7.009	-645	10,9	12,6
2002	43.518	35.660	7.859	2.363	4.216	-1.852	5,4	11,8
Jan.	3.972	3.800	172	233	445	-212	5,9	11,7
Fev.	3.658	3.397	262	211	477	-266	5,8	14,0
Mar.	4.260	3.664	596	236	492	-255	5,5	13,4
Abr.	4.641	4.160	482	272	525	-253	5,9	12,6
Mai	4.441	4.024	417	296	523	-227	6,7	13,0
Jun.	4.079	3.400	678	234	415	-181	5,7	12,2
Jul.	6.223	5.027	1.196	299	531	-232	4,8	10,6
Ago.	5.751	4.176	1.575	296	419	-123	5,2	10,0
Set.	6.492	4.012	2.480	287	389	-102	4,4	9,7

Fonte: Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/indicadores/default.htm>>. Acesso em: 2002.

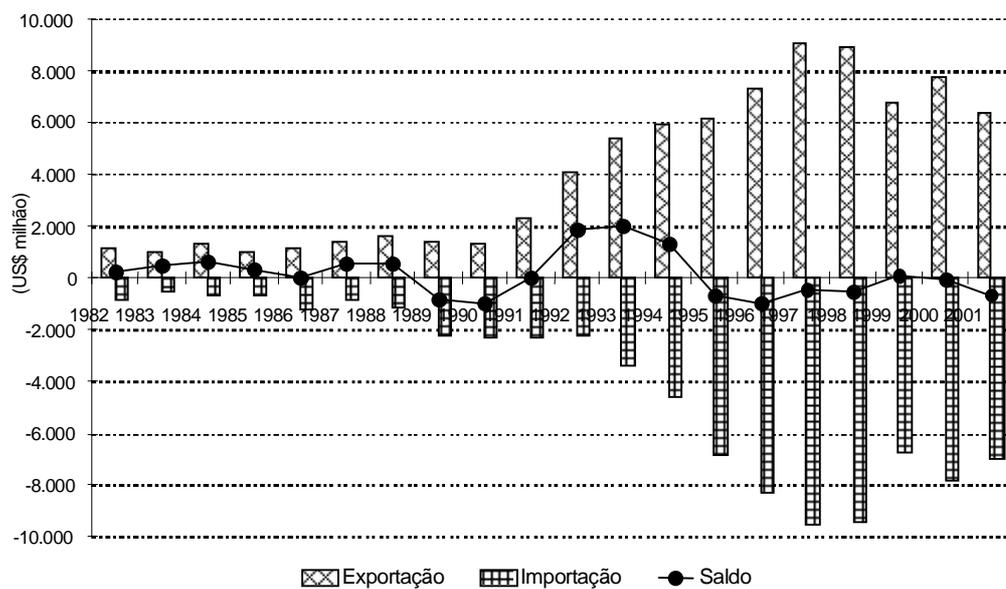


Figura 2 - Comércio Brasileiro com o MERCOSUL, 1982-1991.

Fonte: Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/indicadores/default.htm>>. Acesso em: 2002.

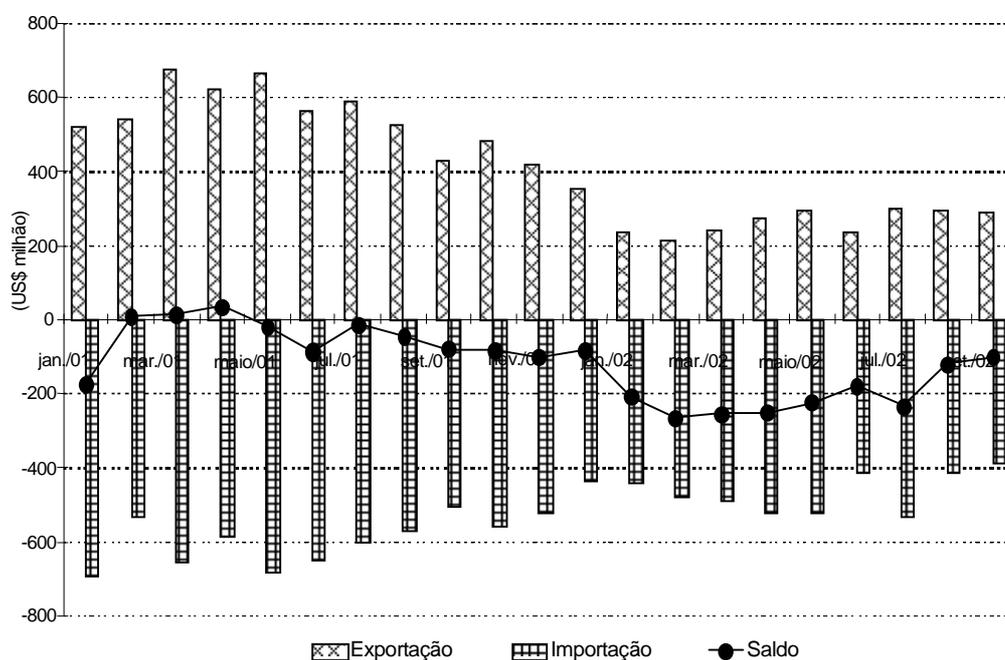


Figura 3 - Comércio Brasileiro com o MERCOSUL, Jan./2001-Ago./2002.

Fonte: Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/indicadores/default.htm>>. Acesso em: 2002.

TABELA 2 - Comércio Brasileiro com os Membros do MERCOSUL, 1982-2002
(em US\$ milhão)

Ano	Exportação				Importação			
	Argentina	Paraguai	Uruguai	MERCOSUL	Argentina	Paraguai	Uruguai	MERCOSUL
1982	666	324	138	1.129	550	167	151	868
1983	655	233	104	992	358	32	131	521
1984	853	333	136	1.322	511	40	123	674
1985	548	302	140	990	469	75	140	684
1986	678	289	203	1.170	737	150	301	1.188
1987	832	288	268	1.388	575	66	247	888
1988	979	342	322	1.643	707	117	314	1.138
1989	722	323	335	1.380	1.239	359	596	2.194
1990	645	380	295	1.320	1.400	333	587	2.320
1991	1.476	496	337	2.309	1.615	220	434	2.268
1992	3.040	543	514	4.097	1.732	195	302	2.229
1993	3.659	952	776	5.387	2.717	276	385	3.378
1994	4.136	1.054	732	5.921	3.662	352	569	4.583
1995	4.041	1.301	812	6.154	5.591	515	738	6.844
1996	5.170	1.325	811	7.305	6.805	552	944	8.302
1997	6.770	1.407	870	9.047	8.032	518	967	9.517
1998	6.748	1.249	881	8.878	8.034	351	1.042	9.428
1999	5.364	744	670	6.778	5.812	260	647	6.719
2000	6.233	832	669	7.733	6.841	351	602	7.794
2001	5.002	720	641	6.364	6.206	300	503	7.009
2002	1.639	422	302	2.364	3.578	279	360	4.216
Jan.	143	49	42	233	372	25	48	445
Fev.	131	45	35	211	414	24	38	477
Mar.	151	47	38	236	419	33	39	492
Abr.	178	54	40	272	441	42	42	525
Mai	201	53	43	296	452	28	42	523
Jun.	166	39	28	234	351	25	40	415
Jul.	227	43	29	299	450	34	46	531
Ago.	228	42	26	296	358	31	30	419
Set.	215	49	23	287	318	37	34	389

Fonte: Disponível em: <<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em 2002.

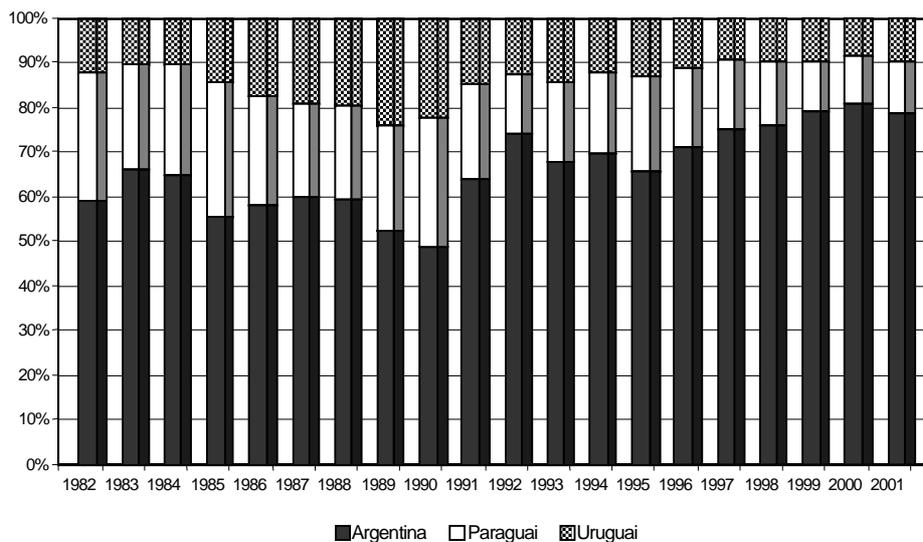


Figura 4 - Participação nas Exportações Brasileiras para o MERCOSUL, 1982-2002.

Fonte: Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/indicadores/default.htm>>. Acesso em 2002.

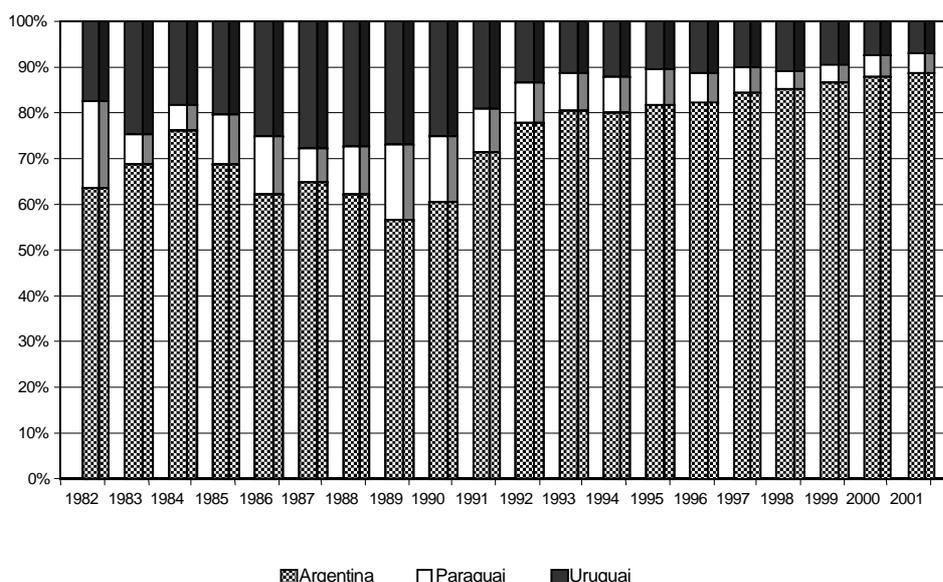


Figura 5 - Participação do MERCOSUL nas Importações Brasileiras, 1982-2002.

Fonte: Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/indicadores/default.htm>>. Acesso em 2002.

tações acima de US\$1 bilhão e importações de US\$224 milhões. Em 1997 o saldo passou a ser ligeiramente desfavorável ao Brasil e, em 2001, muito desfavorável. As importações brasileiras de automóveis, tratores e acessórios elevaram-se para mais de US\$1,5 bilhão, enquanto as exportações caíram para US\$878 milhões (Tabelas 3 e 4).

Uma característica importante do comércio brasileiro com o MERCOSUL é sua elevada concentração. A ordenação dos capítulos NCM por valor comercializado, em 2001, mostra que apenas 25 dos 97 capítulos responderam por quase 90% das exportações e mais de 90% das importações brasileiras. Das exportações, apenas os três primeiros representam mais de um terço do valor, e todos são produtos industrializados. Os capítulos NCM 84 (reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos) com participação de 12,3% e NCM 85 (máquinas, aparelhos e material elétricos, suas partes, etc), com 8,0% no valor total exportado, ocuparam segundo e terceiro lugares, respectivamente.

Quanto às importações procedentes dos parceiros, 53,2% das despesas brasileiras devem-se aos três primeiros colocados. Esse percentual foi distribuído como segue: 21,8% para automóveis e tratores (NCM 87), 15,8% para combustíveis, óleos e ceras minerais (NCM 27) e 15,6% para os cereais (NCM 10). Observe-se que, dentre as importações do MERCOSUL, os

produtos agrícolas têm maior destaque e a presença dos cereais entre os três primeiros colocados é um indicio. Note-se que 97,8% das importações brasileiras de cereais procedem dos parceiros no bloco (Tabela 4).

Quando se avalia o período 1997-2001, observa-se que, em média, os produtos agrícolas, que englobam não só os bens *in natura*, bem como o resultado da atividade agroindustrial⁸, representam pouco mais de 20% das exportações brasileiras para o MERCOSUL, enquanto correspondem a 40% do valor das importações.

A partir de meados da década de 90, o total das exportações agrícolas brasileiras ultrapassou US\$20 bilhões anuais e chegou a quase US\$24 bilhões em 2001. As importações agrícolas são bem menores, resultando em expressivos superávits comerciais, o que era de se esperar dadas as naturais vantagens comparativas do país nesse mercado⁹. No entanto, quando se analisa seu comércio com o MERCOSUL a situação é inversa: o saldo agrícola é tradicionalmente

⁸O enquadramento dos produtos foi feito com base na lista de produtos do agronegócio do Ministério da Agricultura e Abastecimento, disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/spc/balanca/agronegocio2002.pdf>>. Acesso em: 2002.

⁹2001 foi o ano mais favorável, pois as importações corresponderam a cerca de 20% do valor exportado, resultando em saldo comercial de US\$19 bilhões (Tabela 5).

TABELA 3 - Principais Exportações Brasileiras para o MERCOSUL, 1992, 1997 e 2001
(por Capítulo)

(continua)

Descrição do Capítulo NCM	1992		
	Valor US\$ milhão	P/M ¹ (%)	M/T ² (%)
87 Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes/acessórios	1.073.514	26,2	38,1
84 Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	504.166	12,3	17,7
85 Máquinas, aparelhos e material elétrico, suas partes, etc.	196.354	4,8	16,9
39 Plásticos e suas obras	169.321	4,1	28,2
48 Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc.	151.780	3,7	21,4
72 Ferro fundido, ferro e aço	321.222	7,8	8,3
73 Obras de ferro fundido, ferro ou aço	71.486	1,7	14,2
29 Produtos químicos orgânicos	116.491	2,8	15,5
64 Calçados, polainas, artefatos semelhantes e suas partes	27.983	0,7	1,9
40 Borracha e suas obras	135.727	3,3	28,8
27 Combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais	53.519	1,3	10,1
28 Produtos químicos inorgânicos, etc.	50.418	1,2	22,4
38 Produtos diversos das indústrias químicas	46.901	1,1	27,9
26 Minérios, escórias e cinzas	87.368	2,1	3,4
21 Preparações alimentícias diversas	11.277	0,3	6,0
76 Alumínio e suas obras	32.216	0,8	2,8
94 Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	20.500	0,5	14,5
30 Produtos farmacêuticos	13.341	0,3	20,2
2 Carnes e miudezas, comestíveis	76.187	1,9	8,8
52 Algodão	37.521	0,9	10,2
63 Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.	51.945	1,3	21,4
61 Vestuário e seus acessórios de malha	37.993	0,9	18,5
18 Cacao e suas preparações	41.449	1,0	13,9
32 Extratos tanantes e tintoriais, taninos e derivados, etc.	24.500	0,6	27,8
90 Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	26.650	0,7	13,4
Outros	717.641	17,5	5,4
Total	4.097.469	100,0	11,4

Descrição do Capítulo NCM	1997		
	Valor US\$ milhão	P/M ¹ (%)	M/T ² (%)
87 Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes/acessórios	2.222.338	24,6	48,1
84 Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	1.217.166	13,5	26,9
85 Máquinas, aparelhos e material elétrico, suas partes, etc.	481.949	5,3	27,0
39 Plásticos e suas obras	422.551	4,7	50,9
48 Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc.	328.244	3,6	34,0
72 Ferro fundido, ferro e aço	368.668	4,1	10,3
73 Obras de ferro fundido, ferro ou aço	169.718	1,9	24,0
29 Produtos químicos orgânicos	258.037	2,9	22,3
64 Calçados, polainas, artefatos semelhantes e suas partes	90.247	1,0	5,7
40 Borracha e suas obras	283.146	3,1	36,6
27 Combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais	79.709	0,9	25,0
28 Produtos químicos inorgânicos, etc.	103.364	1,1	22,7
38 Produtos diversos das indústrias químicas	192.849	2,1	50,8
26 Minérios, escórias e cinzas	145.629	1,6	4,8
21 Preparações alimentícias diversas	39.502	0,4	8,6
76 Alumínio e suas obras	91.578	1,0	6,6
94 Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	75.240	0,8	19,3
30 Produtos farmacêuticos	71.381	0,8	46,3
2 Carnes e miudezas, comestíveis	130.068	1,4	10,0
52 Algodão	107.873	1,2	43,7
63 Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.	89.720	1,0	36,4
61 Vestuário e seus acessórios de malha	50.515	0,6	50,0
18 Cacao e suas preparações	78.078	0,9	42,1
32 Extratos tanantes e tintoriais, taninos e derivados, etc.	85.870	0,9	37,2
90 Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	51.684	0,6	19,0
Outros	1.811.479	20,0	7,8
Total	9.046.603	100,0	17,1

¹Exportação do capítulo/total das exportações brasileiras para o MERCOSUL.²Exportação para o MERCOSUL/total das exportações brasileiras.Fonte: Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em 2002.

TABELA 3 - Principais Exportações Brasileiras para o MERCOSUL, 1992, 1997 e 2001
(por Capítulo)

(conclusão)

Descrição do Capítulo NCM	2001		
	Valor US\$ milhão	P/M ¹ (%)	M/T ² (%)
87 Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes/acessórios	878.150	13,8	19,9
84 Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	785.137	12,3	18,6
85 Máquinas, aparelhos e material elétrico, suas partes, etc.	507.868	8,0	15,8
39 Plásticos e suas obras	356.523	5,6	42,3
48 Papel e cartão, obras de pasta de celulose, de papel, etc.	350.774	5,5	37,2
72 Ferro fundido, ferro e aço	188.872	3,0	6,6
73 Obras de ferro fundido, ferro ou aço	178.893	2,8	27,0
29 Produtos químicos orgânicos	166.475	2,6	18,3
64 Calçados, polainas, artefatos semelhantes e suas partes	166.225	2,6	9,9
40 Borracha e suas obras	163.244	2,6	22,7
27 Combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais	135.334	2,1	6,5
28 Produtos químicos inorgânicos, etc.	123.929	1,9	23,4
38 Produtos diversos das indústrias químicas	123.104	1,9	38,0
26 Minérios, escórias e cinzas	112.989	1,8	3,6
21 Preparações alimentícias diversas	112.979	1,8	23,4
76 Alumínio e suas obras	103.885	1,6	8,9
94 Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões, etc.	98.998	1,6	19,5
30 Produtos farmacêuticos	97.347	1,5	40,3
2 Carnes e miudezas, comestíveis	94.549	1,5	3,7
52 Algodão	76.817	1,2	18,7
63 Outros artefatos têxteis confeccionados, sortidos, etc.	76.333	1,2	29,1
61 Vestuário e seus acessórios de malha	73.595	1,2	44,0
18 Cacao e suas preparações	72.816	1,1	41,8
32 Extratos tanantes e tintoriais, taninos e derivados, etc.	65.654	1,0	33,2
90 Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	62.518	1,0	13,4
Outros	1.190.648	18,7	4,8
Total	6.363.655	100,0	10,9

¹Exportação do capítulo/total das exportações brasileiras para o MERCOSUL.²Exportação para o MERCOSUL/total das exportações brasileiras.Fonte: Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em 2002.

TABELA 4 - Principais Importações Brasileiras do MERCOSUL, 1992, 1997 e 2001

(continua)

Descrição do Capítulo NCM	1992		
	Valor US\$ milhão	P/M ¹ (%)	M/T ² (%)
87 Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes/acessórios	223.619	10,0	25,1
27 Combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais	110.104	4,9	2,3
10 Cereais	200.265	9,0	79,8
39 Plásticos e suas obras	71.695	3,2	15,6
84 Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	128.949	5,8	4,0
85 Máquinas, aparelhos e material elétrico, suas partes, etc.	16.082	0,7	0,9
12 Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	73.912	3,3	54,3
29 Produtos químicos orgânicos	46.101	2,1	3,4
11 Produtos da indústria de moagem, malte, amidos, etc.	441.808	19,8	66,3
7 Produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis	89.707	4,0	77,9
4 Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc.	13.759	0,6	18,3
41 Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo) e couros	108.038	4,8	65,5
40 Borracha e suas obras	20.708	0,9	7,5
54 Filamentos sintéticos ou artificiais	34.600	1,6	34,0
28 Produtos químicos inorgânicos, etc.	25.180	1,1	6,4
30 Produtos farmacêuticos	10.303	0,5	5,6
8 Frutas, cascas de cítricos e de melões	69.760	3,1	62,8
72 Ferro fundido, ferro e aço	5.187	0,2	3,0
38 Produtos diversos das indústrias químicas	27.787	1,2	11,5
3 Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	35.984	1,6	31,1
2 Carnes e miudezas, comestíveis	28.123	1,3	23,5
20 Preparações de prod. hortícolas, de frutas, etc.	5.720	0,3	11,6
15 Gorduras, óleos e ceras, animais ou vegetais	68.757	3,1	52,8
52 Algodão	136.726	6,1	61,8
90 Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	5.556	0,2	0,7
Outros	231.340	10,4	6,5
Total	2.229.771	100,0	10,8

¹Importação do capítulo/total das importações brasileiras do MERCOSUL.²Importação do MERCOSUL/total das importações brasileiras.Fonte: Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em 2002.

TABELA 4 - Principais Importações Brasileiras do MERCOSUL, 1992, 1997 e 2001

(conclusão)

Descrição do Capítulo NCM	1997		
	Valor US\$ milhão	P/M ¹ (%)	M/T ² (%)
87 Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes/acessórios	2.306.371	24,5	43,0
27 Combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais	1.226.620	13,0	18,1
10 Cereais	983.612	10,4	86,2
39 Plásticos e suas obras	187.844	2,0	10,5
84 Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	519.884	5,5	4,8
85 Máquinas, aparelhos e material elétrico, suas partes, etc.	204.211	2,2	2,4
12 Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	180.666	1,9	58,0
29 Produtos químicos orgânicos	109.496	1,2	3,2
11 Produtos da indústria de moagem, malte, amidos, etc.	205.221	2,2	59,1
7 Produtos hortícolas, plantas, raízes, etc., comestíveis	250.383	2,7	70,0
4 Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc.	305.574	3,2	65,7
41 Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo) e couros	105.527	1,1	62,4
40 Borracha e suas obras	109.343	1,2	12,2
54 Filamentos sintéticos ou artificiais	88.772	0,9	21,4
28 Produtos químicos inorgânicos, etc.	41.381	0,4	7,6
30 Produtos farmacêuticos	117.497	1,2	11,6
8 Frutas, cascas de cítricos e de melões	157.638	1,7	47,6
72 Ferro fundido, ferro e aço	52.674	0,6	12,1
38 Produtos diversos das indústrias químicas	56.303	0,6	7,6
3 Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	166.613	1,8	42,0
2 Carnes e miudezas, comestíveis	205.798	2,2	86,9
20 Preparações de prod. hortícolas, de frutas, etc.	77.479	0,8	35,7
15 Gorduras, óleos e ceras, animais ou vegetais	155.209	1,6	49,7
52 Algodão	394.251	4,2	45,5
90 Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	9.820	0,1	0,5
Outros	1.207.945	12,8	10,1
Total	9.426.133	100,0	15,8

Descrição do capítulo NCM	2001		
	Valor US\$ milhão	P/M ¹ (%)	M/T ² (%)
87 Veículos automóveis, tratores, etc., suas partes/acessórios	1.524.622	21,8	40,0
27 Combustíveis minerais, óleos minerais, etc., ceras minerais	1.107.381	15,8	14,3
10 Cereais	1.093.591	15,6	97,8
39 Plásticos e suas obras	381.193	5,4	19,9
84 Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, etc., mecânicos	295.183	4,2	3,1
85 Máquinas, aparelhos e material elétrico, suas partes, etc.	170.623	2,4	1,8
12 Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	141.295	2,0	77,7
29 Produtos químicos orgânicos	141.018	2,0	4,2
11 Produtos da indústria de moagem, malte, amidos, etc.	137.698	2,0	60,2
7 Produtos hortícolas, plantas, raízes, etc., comestíveis	135.244	1,9	71,4
4 Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc.	132.015	1,9	72,1
41 Peles, exceto a peleteria (peles com pêlo) e couros	110.739	1,6	59,9
40 Borracha e suas obras	103.421	1,5	12,1
54 Filamentos sintéticos ou artificiais	97.171	1,4	18,9
28 Produtos químicos inorgânicos, etc.	89.630	1,3	13,8
30 Produtos farmacêuticos	86.885	1,2	5,7
8 Frutas, cascas de cítricos e de melões	86.411	1,2	50,1
72 Ferro fundido, ferro e aço	71.416	1,0	15,2
38 Produtos diversos das indústrias químicas	67.567	1,0	8,2
3 Peixes e crustáceos, moluscos e outros invertebrados aquáticos	66.427	0,9	27,2
2 Carnes e miudezas, comestíveis	65.838	0,9	94,1
20 Preparações de prod. hortícolas, de frutas, etc.	63.320	0,9	55,2
15 Gorduras, óleos e ceras, animais ou vegetais	61.624	0,9	42,9
52 Algodão	59.198	0,8	47,0
90 Instrumentos e aparelhos de óptica, fotografia, etc.	56.633	0,8	2,6
Outros	662.838	9,5	7,0
Total	7.008.982	100,0	12,6

¹Importação do capítulo/total das importações brasileiras do MERCOSUL.²Importação do MERCOSUL/total das exportações brasileiras.Fonte: Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em 2002.

TABELA 5 - Balança do Agronegócio Brasileiro, Total e do MERCOSUL, 1997-2001

	(US\$1000,00)				
	1997	1998	1999	2000	2001
Total					
Exportação	23.403.551	21.575.083	20.514.473	20.610.247	23.863.217
Importação	8.247.427	8.106.211	5.739.092	5.799.076	4.847.132
Saldo	15.156.124	13.468.872	14.775.381	14.811.171	19.016.085
MERCOSUL					
Exportação	1.770.380	1.865.258	1.430.425	1.584.586	1.454.362
Importação	3.853.928	4.024.265	2.950.393	2.945.520	2.449.534
Saldo	-2.083.548	-2.159.007	-1.519.968	-1.360.934	-995.172
	(%)				
	1997	1998	1999	2000	2001
MERCOSUL/Total					
Exportação	7,6	8,6	7,0	7,7	6,1
Importação	46,7	49,6	51,4	50,8	50,5
Argentina ¹					
Exportação	60,0	56,5	67,6	68,4	68,9
Importação	69,4	73,6	77,9	75,9	76,5
Paraguai ¹					
Exportação	24,0	26,2	15,6	16,8	14,0
Importação	13,1	8,4	8,5	11,5	11,6
Uruguai ¹					
Exportação	16,0	17,3	16,8	14,8	17,1
Importação	17,5	18,1	13,5	12,6	11,8

¹Participação do país no total do MERCOSUL.

Fonte: Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/spc/balanca/mercosul.pdf>>. Acesso em 2002.

deficitário. Na média do período 1997-2001, as exportações brasileiras para o MERCOSUL corresponderam a 7,4% do total das exportações agrícolas contra quase 50% de suas importações (Tabela 5)¹⁰.

Os produtos agrícolas comercializados com o MERCOSUL foram organizados a partir da média do biênio 2000-2001. A partir dessa organização, o conjunto denominado outras preparações para elaboração de bebidas apareceu em primeiro lugar, correspondente a 4,9% do valor das exportações agrícolas. Em segundo e terceiro lugares encontram-se outras carnes de suíno, congeladas, com participação de 4,1% e outros calçados de couro natural, com participação de 3,2% no total, respectivamente. Assim, esses três primeiros colocados totalizaram 12,2% das receitas brasileiras com exportação agrícola para o MERCOSUL (Tabela 6).

Pelo menos em dois aspectos as ex-

portações agrícolas para o bloco diferem das importações. O primeiro é que as exportações para o MERCOSUL são bem mais diversificadas. Apenas dez produtos atingiram participação igual ou maior do que 2% do valor. Esses dez primeiros colocados totalizaram 28,7% das receitas, na média do biênio 2000-2001. Com participação entre 1% e 1,9% encontramos catorze produtos e a soma desses 24 primeiros colocados não chega à metade do valor das exportações agrícolas para o bloco. Dos 66 primeiros colocados, que responderam por cerca de 70% do valor das exportações, a grande maioria são produtos agrícolas processados, sendo que alguns deles apresentam elevado valor adicionado. Há outro aspecto das exportações agrícolas brasileiras que merece destaque: em sua grande maioria, são resultado de atividade agroindustrial e bem poucos constituem produto *in natura*.

As importações brasileiras procedentes do bloco, ao contrário das exportações, são bastante concentradas e, em sua maioria, correspondem a produtos *in natura*. Na média do biênio 2000-2001, trigo em grão foi classificado em primeiro lugar, com participação de 31,2% nas des-

¹⁰Esse comércio também mostra a importância relativa da Argentina: em média este país absorveu 64% das exportações e deu origem a 75% das importações brasileiras de produtos agrícolas (Tabela 5).

TABELA 6 - Exportação Brasileira de Produtos Agrícolas para o MERCOSUL, 2000-2002¹

(continua)

Código	Descrição NCM	Valor (US\$ 1000)		
		2000	2001	2002 ²
1 21069010	OUTRAS PREPARACOES PARA ELABORACAO DE BEBIDAS	79.195	70.611	8.374
2 02032900	OUTRAS CARNES DE SUINO, CONGELADAS	61.695	63.172	10.347
3 64039900	OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL	52.699	44.658	6.322
4 48041100	PAPEL/CARTAO "KRAFTLINER", P/COBERTURA, CRUS, EM ROLOS/FLS	48.834	38.078	15.671
5 48235900	OUTROS PAPEIS/CARTOES P/ESCRITA/IMPRESSAO/FINS GRAFICOS	42.793	40.084	2.071
6 09011110	CAFE NAO TORRADO, NAO DESCAFEINADO, EM GRAO	49.355	28.175	14.550
7 63026000	ROUPAS DE TOUCADOR/COZINHA, DE TECIDOS ATOALH. DE ALGODAO	38.245	30.540	3.122
8 52094210	TECIDO DE ALGODAO >=85%, FIO COLOR. DENIM, INDIGO, P >200G/M2	29.490	33.231	9.285
9 48025290	OUTS. PAPEIS/CARTOES, FIBRA PROC. MEC. <=10%, 40 <= P <=150G/M2	32.624	28.743	3.851
10 94035000	MOVEIS DE MADEIRA P/QUARTOS DE DORMIR	32.703	28.291	2.550
11 48192000	CAIXAS E CARTONAGENS, DOBRAVEIS, DE PAPEL/CARTAO, N/ONDUL.	31.612	26.458	11.421
12 18069000	OUTROS CHOCOLATES E PREPARACOES ALIMENTICIAS CONT. CACAU	24.765	31.628	9.115
13 48102100	PAPEL CUCHE LEVE, UTIL. P/ESCRITA, ETC. FIBRA PROC. MEC >10%	25.270	23.206	1.066
14 09030090	OUTROS TIPOS DE MATE	22.738	23.142	14.108
15 02071200	CARNES DE GALOS/GALINHAS, N/CORTADAS EM PEDACOS, CONGEL.	28.728	15.429	375
16 22021000	AGUA INCL. MINERAL/GASEIF. ADICION. ACUCAR, AROMATIZADA, ETC	18.328	17.351	4.653
17 41042212	COURO/PELE, INTEIRO/MEIO, DE BOVINO, "WET BLUE", DIV. C/FLOR	6.973	28.613	2.083
18 22030000	CERVEJAS DE MALTE	18.773	13.918	6.120
19 94036000	OUTROS MOVEIS DE MADEIRA	17.291	14.129	1.484
20 17041000	GOMAS DE MASCAR, SEM CACAU, MESMO REVESTIDAS DE ACUCAR	14.334	17.076	7.954
21 18040000	MANTEIGA, GORDURA E OLEO, DE CACAU	16.475	13.948	10.915
22 48045900	OUTROS PAPEIS/CARTOES KRAFT, P >=225G/M2, EM ROLOS OU FOLH	15.758	14.493	9.963
23 48102900	OUTS. PAPEIS/CARTOES, P/ESCRITA, ETC. FIBRA PROC. MECAN >10%	17.182	11.991	334
24 48103900	OUTROS PAPEIS/CARTOES KRAFT, REVEST. CAULIM, ETC. ROLOS/FLS	14.227	14.907	3.169
25 48101100	PAPEL P/ESCREVER, ETC. FIBRA PROC. MEC <=10%, P <=150G/M2	15.052	13.204	648
26 17049020	BOMBONS, CAMELOS, CONFEITOS E PASTILHAS, SEM CACAU	11.181	16.460	6.665
27 48056000	OUTS. PAPEIS E CARTOES, N/REVEST. EM ROLOS/FLS, P <=150G/M2	15.446	10.150	1.100
28 44079990	OUTRAS MADEIRAS SERRADAS/CORTADAS EM FOLHAS, ETC. ESP >6MM	12.304	12.910	3.629
29 64039100	OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL, COBRINDO O TORNOZELO	9.952	14.617	1.773
30 17011100	ACUCAR DE CANA, EM BRUTO	12.475	11.554	7.841
31 48184090	ABSORVENTES E OUTROS ARTIGOS HIGIENICOS, DE PAPEL	13.020	10.795	4.904
32 19053010	BOLACHAS E BISCOITOS, ADICIONADOS DE EDULCORANTES	12.127	11.378	1.028
33 94034000	MOVEIS DE MADEIRA P/COZINHAS	12.842	9.960	1.063
34 21011110	CAFE SOLUVEL, MESMO DESCAFEINADO	8.296	13.864	7.344
35 48181000	PAPEL HIGIENICO	12.515	7.782	2.917
36 24031000	FUMO MANUFATURADO, P/FUMAR, MESMO CONT. SUCEDANEOS DO FUMO	18.769	1.150	343
37 08030000	BANANAS FRESCAS OU SECAS	8.672	11.205	15.868
38 52093200	TECIDO DE ALGODAO >=85%, TINTO, PONTO SARJADO, PESO >200G/M2	12.045	7.387	480
39 18031000	PASTA DE CACAU, NAO DESENGORDURADA	8.853	10.438	9.271
40 63022100	ROUPAS DE CAMA, DE ALGODAO, ESTAMPADAS	9.654	8.927	1.449
41 44072910	MADEIRA DE CEDRO, SERRADA/CORTADA EM FOLHAS, ETC. ESP >6MM	9.840	8.105	1.248
42 16041410	PREPARACOES E CONSERVAS, DE ATUNS, INTEIROS OU EM PEDACOS	8.809	8.755	1.514
43 20029090	OUTS. TOMATES PREPARS. CONSERVS. EXC. EM VINAGRE, AC. ACETICO	7.938	8.708	6.253
44 21069029	POS P/PREPARS. DE CREMES, SORVETES, GELATINAS, FLANS, ETC.	8.777	7.449	3.179
45 02071400	PEDACOS E MIUDEZAS, COMEST. DE GALOS/GALINHAS, CONGELADOS	8.331	7.208	138
46 48191000	CAIXAS DE PAPEL OU CARTAO, ONDULADOS (CANELADOS)	7.551	7.081	2.242
47 48101290	OUTS. PAPEIS P/ESCRITA, ETC. FIBRA PROC. MEC <=10%, P >150G/M2	7.451	6.928	497
48 24012030	FUMO N/MANUF. TOTAL/PARC. DESTAL. FLS. SECAS, ETC. VIRGINIA	11.370	2.444	2
49 18050000	CACAU EM PO, SEM ADICAO DE ACUCAR OU OUTROS EDULCORANTES	5.833	7.825	7.591
50 16024100	PREPARS. ALIM. CONSERVAS, DE PERNAS, SEUS PEDACOS, DE SUINOS	5.025	8.284	663
51 17019900	OUTS. ACUCARES DE CANA, BETERRABA, SACAROSE QUIM. PURA, SOL.	3.510	9.341	4.153
52 61051000	CAMISAS DE MALHA DE ALGODAO, DE USO MASCULINO	6.408	6.397	726
53 41042211	COURO/PELE, INTEIRO/MEIO, DE BOVINO, "WET BLUE", N/DIVIDIDO	3.052	9.722	252
54 52081200	TECIDO DE ALGODAO >=85%, CRU, PONTO TAFETA, 100 < P <=200G/M2	7.671	4.597	267
55 21032010	KETCHUP E OUTROS MOLHOS DE TOMATE, EMBAL. IMEDIAT. P <=1KG	5.734	6.509	2.598
56 16010000	ENCHIDOS DE CARNE, MIUDEZAS, SANGUE, SUAS PREPARS. ALIMENTS	9.854	2.358	208
57 48184010	FRALDAS DE PAPEL	4.142	8.051	5.986
58 23091000	ALIMENTOS PARA CAES E GATOS	5.873	6.264	2.002
59 23040090	BAGACOS E OUTS. RESIDUOS SOLIDOS, DA EXTR. DO OLEO DE SOJA	9.758	2.320	36
60 48109100	OUTS. PAPEIS/CARTOES, CAMADAS MULTIPL. REVEST. EM ROLOS/FLS	3.355	7.780	720
61 44071000	MADEIRA DE CONIFERAS, SERRADA/CORTADA EM FLS. ETC. ESP >6MM	6.907	4.157	716
62 48043990	OUTROS PAPEIS/CARTOES KRAFT, P <=150G/M2, EM ROLOS OU FOLH	4.194	6.506	2.615
63 20091100	SUCOS DE LARANJAS, CONGELADOS, NAO FERMENTADOS	6.514	3.580	127
64 48010010	PAPEL JORNAL, EM ROLOS/FLS. P <=57G/M2, FIBRA PROC. MEC >=65%	5.885	4.117	620
65 19041000	PRODS. A BASE DE CEREAIS, OBTIDOS POR EXPANSAO, TORREFACAO	4.969	4.872	1.233
66 62052000	CAMISAS DE ALGODAO, DE USO MASCULINO	4.752	4.955	806
Outros		477.794	446.402	210.812
Total		1.584.586	1.454.362	484.431

¹Componentes do agronegócio definidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.²Até setembro de 2002.

Fonte: Disponível em: <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: 2002.

TABELA 6 - Exportação Brasileira de Produtos Agrícolas para o MERCOSUL, 2000-2002¹

Código	Descrição NCM	(conclusão)	
		Partic. (%) ²	
		Simples	Acum.
1 21069010	OUTRAS PREPARACOES PARA ELABORACAO DE BEBIDAS	4,9	4,9
2 02032900	OUTRAS CARNES DE SUINO, CONGELADAS	4,1	9,0
3 64039900	OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL	3,2	12,2
4 48041100	PAPEL/CARTAO "KRAFTLINER", P/COBERTURA, CRUS, EM ROLOS/FLS	2,9	15,1
5 48235900	OUTROS PAPEIS/CARTOES P/ESCRITA/IMPRESSAO/FINS GRAFICOS	2,7	17,8
6 09011110	CAFE NAO TORRADO, NAO DESCAFEINADO, EM GRAO	2,6	20,4
7 63026000	ROUPAS DE TOUCADOR/COZINHA, DE TECIDOS ATOALH. DE ALGODAO	2,3	22,6
8 52094210	TECIDO DE ALGODAO >=85%, FIO COLOR. DENIM, INDIGO, P>200G/M2	2,1	24,7
9 48025290	OUTS. PAPEIS/CARTOES, FIBRA PROC. MEC. <=10%, 40<=P<=150G/M2	2,0	26,7
10 94035000	MOVEIS DE MADEIRA P/QUARTOS DE DORMIR	2,0	28,7
11 48192000	CAIXAS E CARTONAGENS, DOBRAVEIS, DE PAPEL/CARTAO, N/ONDUL.	1,9	30,6
12 18069000	OUTROS CHOCOLATES E PREPARACOES ALIMENTICIAS CONT. CACAU	1,9	32,5
13 48102100	PAPEL CUCHE LEVE, UTIL. P/ESCRITA, ETC. FIBRA PROC. MEC >10%	1,6	34,1
14 09030090	OUTROS TIPOS DE MATE	1,5	35,6
15 02071200	CARNES DE GALOS/GALINHAS, N/CORTADAS EM PEDACOS, CONGEL.	1,5	37,1
16 22021000	AGUA INCL. MINERAL/GASEIF. ADICION. ACUCAR, AROMATIZADA, ETC	1,2	38,2
17 41042212	COURO/PELE, INTEIRO/MEIO, DE BOVINO, "WET BLUE", DIV. C/FLOR	1,2	39,4
18 22030000	CERVEJAS DE MALTE	1,1	40,5
19 94036000	OUTROS MOVEIS DE MADEIRA	1,0	41,5
20 17041000	GOMAS DE MASCAR, SEM CACAU, MESMO REVESTIDAS DE ACUCAR	1,0	42,5
21 18040000	MANTEIGA, GORDURA E OLEO, DE CACAU	1,0	43,5
22 48045900	OUTROS PAPEIS/CARTOES KRAFT, P>=225G/M2, EM ROLOS OU FOLH	1,0	44,5
23 48102900	OUTS. PAPEIS/CARTOES, P/ESCRITA, ETC. FIBRA PROC. MECAN >10%	1,0	45,5
24 48103900	OUTROS PAPEIS/CARTOES KRAFT, REVEST. CAULIM, ETC. ROLOS/FLS	1,0	46,5
25 48101100	PAPEL P/ESCREVER, ETC. FIBRA PROC. MEC <=10%, P<=150G/M2	0,9	47,4
26 17049020	BOMBONS, CARAMELOS, CONFEITOS E PASTILHAS, SEM CACAU	0,9	48,3
27 48056000	OUTS. PAPEIS E CARTOES, N/REVEST. EM ROLOS/FLS, P<=150G/M2	0,8	49,1
28 44079990	OUTRAS MADEIRAS SERRADAS/CORTADAS EM FOLHAS, ETC. ESP >6MM	0,8	50,0
29 64039100	OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL, COBRINDO O TORNOZELO	0,8	50,8
30 17011100	ACUCAR DE CANA, EM BRUTO	0,8	51,6
31 48184090	ABSORVENTES E OUTROS ARTIGOS HIGIENICOS, DE PAPEL	0,8	52,4
32 19053010	BOLACHAS E BISCOITOS, ADICIONADOS DE EDULCORANTES	0,8	53,1
33 94034000	MOVEIS DE MADEIRA P/COZINHAS	0,8	53,9
34 21011110	CAFE SOLUVEL, MESMO DESCAFEINADO	0,7	54,6
35 48181000	PAPEL HIGIENICO	0,7	55,3
36 24031000	FUMO MANUFATURADO, P/FUMAR, MESMO CONT. SUCEDANEOS DO FUMO	0,7	55,9
37 08030000	BANANAS FRESCAS OU SECAS	0,7	56,6
38 52093200	TECIDO DE ALGODAO >=85%, TINTO, PONTO SARJADO, PESO >200G/M2	0,6	57,2
39 18031000	PASTA DE CACAU, NAO DESENGORDURADA	0,6	57,9
40 63022100	ROUPAS DE CAMA, DE ALGODAO, ESTAMPADAS	0,6	58,5
41 44072910	MADEIRA DE CEDRO, SERRADA/CORTADA EM FOLHAS, ETC. ESP >6MM	0,6	59,1
42 16041410	PREPARACOES E CONSERVAS, DE ATUNS, INTEIROS OU EM PEDACOS	0,6	59,6
43 20029090	OUTS. TOMATES PREPARS. CONSERVS. EXC. EM VINAGRE, AC. ACETICO	0,5	60,2
44 21069029	POS P/PREPARS. DE CREMES, SORVETES, GELATINAS, FLANS, ETC.	0,5	60,7
45 02071400	PEDACOS E MIUDEZAS, COMEST. DE GALOS/GALINHAS, CONGELADOS	0,5	61,2
46 48191000	CAIXAS DE PAPEL OU CARTAO, ONDULADOS (CANELADOS)	0,5	61,7
47 48101290	OUTS. PAPEIS P/ESCRITA, ETC. FIBRA PROC. MEC <=10%, P>150G/M2	0,5	62,2
48 24012030	FUMO N/MANUF. TOTAL/PARC. DESTAL. FLS. SECAS, ETC. VIRGINIA	0,5	62,6
49 18050000	CACAU EM PO, SEM ADICAO DE ACUCAR OU OUTROS EDULCORANTES	0,4	63,1
50 16024100	PREPARS. ALIM. CONSERVAS, DE PERNAS, SEUS PEDACOS, DE SUINOS	0,4	63,5
51 17019900	OUTS. ACUCARES DE CANA, BETERRABA, SACAROSE QUIM. PURA, SOL.	0,4	64,0
52 61051000	CAMISAS DE MALHA DE ALGODAO, DE USO MASCULINO	0,4	64,4
53 41042211	COURO/PELE, INTEIRO/MEIO, DE BOVINO, "WET BLUE", N/DIVIDIDO	0,4	64,8
54 52081200	TECIDO DE ALGODAO >=85%, CRU, PONTO TAFETA, 100<P<=200G/M2	0,4	65,2
55 21032010	KETCHUP E OUTROS MOLHOS DE TOMATE, EMBAL. IMEDIAT. P<=1KG	0,4	65,6
56 16010000	ENCHIDOS DE CARNE, MIUDEZAS, SANGUE, SUAS PREPARS. ALIMENTS	0,4	66,0
57 48184010	FRALDAS DE PAPEL	0,4	66,4
58 23091000	ALIMENTOS PARA CAES E GATOS	0,4	66,8
59 23040090	BAGACOS E OUTS. RESIDUOS SOLIDOS, DA EXTR. DO OLEO DE SOJA	0,4	67,2
60 48109100	OUTS. PAPEIS/CARTOES, CAMADAS MULTIPL. REVEST. EM ROLOS/FLS	0,4	67,6
61 44071000	MADEIRA DE CONIFERAS, SERRADA/CORTADA EM FLS. ETC. ESP >6MM	0,4	67,9
62 48043990	OUTROS PAPEIS/CARTOES KRAFT, P<=150G/M2, EM ROLOS OU FOLH	0,4	68,3
63 20091100	SUCOS DE LARANJAS, CONGELADOS, NAO FERMENTADOS	0,3	68,6
64 48010010	PAPEL JORNAL, EM ROLOS/FLS, P<=57G/M2, FIBRA PROC. MEC >=65%	0,3	68,9
65 19041000	PRODS. A BASE DE CEREAIS, OBTIDOS POR EXPANSAO, TORREFACAO	0,3	69,3
66 62052000	CAMISAS DE ALGODAO, DE USO MASCULINO	0,3	69,6
	Outros	30,4	100,0
	Total	100,0	-

¹Componentes do agronegócio definidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

²Participação média no período 2000-2001.

Fonte: Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 2002.

pesas brasileiras com importação agrícola do MERCOSUL. Outros grãos de soja, leite integral e milho em grão ocuparam da segunda à quarta posições, com participações de 5,0%, 4,7% e 4,2%, respectivamente. Com isso, aos quatro primeiros colocados coube 45,2% do valor das importações brasileiras do bloco. Os 66 primeiros classificados totalizaram 90% das importações agrícolas brasileiras (Tabela 7).

Para 2002, as informações disponíveis até setembro mostram que as exportações brasileiras para os parceiros do bloco, em linhas gerais, mantiveram o padrão do período anterior. As importações agrícolas, ao contrário, tiveram participação aumentada: passaram a representar 41%, quando entre 2000 e 2001 participaram com percentual de 35% no total.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto de integração da América Latina data da década de 60, ocasião em que foi criada a ALALC, e visa ampliar o mercado para promover o desenvolvimento regional. Em 1980 essa associação foi substituída pela ALADI, cuja proposta é o estabelecimento gradual e progressivo de um mercado comum latino americano. O MERCOSUL enquadra-se nessa estratégia, dado que a ALADI prevê e recomenda a realização de acordos de alcance parcial entre seus membros para acelerar o processo de formação do mercado comum.

Argentina e Brasil deram início ao processo através da realização de vários acordos, que resultaram em expansão do comércio bilateral. Em 1991 o Tratado de Assunção formalizou a criação do MERCOSUL com a incorporação do Paraguai e Uruguai, e a partir daí as trocas comerciais se intensificaram ainda mais, atingindo pico em 1997. Entre 1990 e 1997, o total do comércio brasileiro (exportação + importação) cresceu à taxa média anual de 13%, enquanto suas trocas com o MERCOSUL cresceram 27% a.a.

Destaque-se que a intensificação do comércio foi ainda maior com a Argentina: no período 1990-97 o comércio brasileiro com este país cresceu à taxa média anual de 32%. Com isso, as trocas com Paraguai e Uruguai, embora tenham apresentado ritmo intenso de crescimento, perderam importância relativa na composição do valor do comércio com o Brasil.

O comércio de produtos agrícolas, inclusive processados, representa pouco mais de 20% das exportações brasileiras para os parceiros, mas tem peso elevado nas importações: na média do período 1997-2001 sua participação ficou em torno de 40%. Além disso, grande parte dessas importações é constituída de produto *in natura*, enquanto nas exportações agrícolas brasileiras para os parceiros no MERCOSUL há predominância de produtos processados, com maior valor adicionado.

A partir de 1997 o comércio do MERCOSUL passou a declinar em decorrência da contração da liquidez internacional e crescente dificuldade dos países da região de financiar os déficits em transações correntes. As exportações brasileiras para os parceiros do bloco, que chegaram a US\$9 bilhões em 1997, fecharam 2001 com US\$6,4 bilhões. As importações que atingiram pico de US\$9,5 bilhões em 1997 também tiveram queda superior a US\$2,5 bilhões nesses quatro anos.

Durante 2002 a tendência de declínio acentuou-se ainda mais. Em setembro as exportações totalizaram US\$287 milhões e as importações, US\$389 milhões. Se mantidas essas tendências, as exportações brasileiras para os parceiros devem fechar o ano em torno de US\$3,1 bilhões, abaixo do valor observado em 1992, e suas importações em torno de US\$5,6 bilhões, menor valor observado desde 1995. Com isso, o ano de 2002 será o pior para o bloco desde sua criação em 1991.

Esses números parecem indicar que a força da integração como promotora do crescimento do comércio regional acabou e que o MERCOSUL entrou em fase de declínio. No entanto, essa conclusão seria precipitada. Uma característica estrutural da região é sua grande dependência de poupança externa, o que provoca crises freqüentes no balanço de pagamentos e conseqüentes descontinuidades na condução das políticas. No entanto, uma vez superada a crise os países da região retomam seus planos com vistas ao desenvolvimento econômico.

Uma delas aconteceu após a crise da Ásia, em meados de 1997, e trouxe grande turbulência para a região. Os membros do bloco foram atingidos pela contração da liquidez internacional num momento em que acumulavam grandes déficits em transações correntes. Os fatos que sucederam à crise da Ásia contribuíram para ampliar a gravidade dos problemas da

TABELA 7 - Importação Brasileira de Produtos Agrícolas do MERCOSUL, 2000-2002¹

(continua)

Código	Descrição NCM	Valor (US\$1.000)		
		2000	2001	2002 ²
1	10019090 TRIGO (EXC. TRIGO DURO OU P/SEMEADURA),E TRIGO C/CENTEIO	831.297	853.629	585.120
2	12010090 OUTROS GRAOS DE SOJA,MESMO TRITURADOS	132.565	137.533	126.718
3	04022110 LEITE INTEGRAL,EM PO,MATERIA GORDA>1.5%,CONCENTR.N/ADOC	179.485	74.648	98.910
4	10059010 MILHO EM GRAO,EXCETO PARA SEMEADURA	173.475	55.495	15.532
5	11071010 MALTE NAO TORRADO,INTEIRO OU PARTIDO	106.668	100.497	68.567
6	41043119 OUTS.COUIROS/PELES BOVINAS,PREPAR.CURT.PLENA FLOR,S/ACAB	83.227	89.493	344
7	47032100 PASTA QUIM.MADEIRA DE CONIFERA,A SODA/SULFAT.SEMI/BRANQ	81.890	48.720	35.199
8	10062020 ARROZ ("CARGO" OU CASTANHO),DESCASCADO,NAO PARBOILIZADO	49.530	50.718	24.635
9	10063021 ARROZ SEMIBRANQUEADO,ETC.N/PARBOILIZADO,POLIDO,BRUNIDO	49.199	50.767	30.590
10	08082010 PERAS FRESCAS	41.726	44.563	24.241
11	20041000 BATATAS PREPARADAS OU CONSERVADAS,CONGELADAS	43.193	41.360	30.859
12	52010090 OUTROS TIPOS DE ALGODAO NAO CARDADO NEM PENTEADO	56.465	23.272	4.000
13	02013000 CARNES DESOSSADAS DE BOVINO,FRESCAS OU REFRIGERADAS	42.529	35.577	23.905
14	07032090 OUTROS ALHOS FRESCOS OU REFRIGERADOS	36.074	39.799	23.097
15	11010010 FARINHA DE TRIGO	36.443	32.010	16.437
16	52010020 ALGODAO SIMPLEMENTE DEBULHADO,NAO CARDADO NEM PENTEADO	40.220	24.310	17.709
17	15071000 OLEO DE SOJA,EM BRUTO,MESMO DEGOMADO	34.337	22.223	35.557
18	07133319 OUTROS FEIJOS COMUNS,PRETOS,SECOS,EM GRAOS	12.702	40.811	11.646
19	03042010 FILES DE MERLUZAS,CONGELADOS	28.100	24.849	23.480
20	07112010 AZEITONAS CONSERV.COM AGUA SALGADA	29.303	22.611	17.860
21	10061092 ARROZ ("PADDY") COM CASCA,NAO PARBOILIZADO (N/ESTUFADO)	24.754	27.066	21.772
22	03042090 FILES DE OUTROS PEIXES,CONGELADOS	22.588	21.510	11.684
23	10030091 CEVADA CERVEJEIRA	11.417	28.735	8.172
24	23040010 FARINHAS E "PELLETS",DA EXTRACAO DO OLEO DE SOJA	1.510	35.096	39.687
25	08081000 MACAS FRESCAS	14.137	22.209	9.298
26	04012010 LEITE UHT,1%<MATERIA GORDA<=6%,NAO CONCENTRADO,N/ADOC.	26.077	9.602	5.117
27	04021010 LEITE EM PO,MAT.GORDA<=1.5%,ARSENIO<5PPM,CONCENTR.ADOC.	26.074	9.460	15.741
28	02023000 CARNES DESOSSADAS DE BOVINO,CONGELADAS	17.586	14.556	17.503
29	20057000 AZEITONAS PREPARADAS/CONSERV.N/CONG.EXC.EM VINAGRE,ETC.	17.945	12.968	4.277
30	48184010 FRALDAS DE PAPEL	19.122	11.479	8.907
31	10070090 SORGO EM GRAO,EXCETO PARA SEMEADURA	28.426	1.700	214
32	07031019 OUTRAS CEBOLAS FRESCAS OU REFRIGERADAS	12.792	15.585	11.068
33	44101900 OUTROS PAINEIS DE MADEIRA	16.799	9.468	69
34	04021090 OUTS.LEITES,CREMES,EM PO,MAT.GORDA<=1.5%,CONCENTR.ADOC.	14.954	10.926	5.245
35	15099090 OUTROS AZEITES DE OLIVA	16.964	8.226	8.444
36	15121110 OLEO DE GIRASSOL,EM BRUTO	12.367	11.422	5.484
37	02012090 OUTRAS PECAS NAO DESOSSADAS DE BOVINO,FRESCAS OU REFRIG	16.727	6.219	253
38	15121911 OLEO DE GIRASSOL,REFINADO,EM RECIPIENTE C/CAPACID.<=5L	13.693	7.967	3.815
39	18069000 OUTROS CHOCOLATES E PREPARACOES ALIMENTICIAS CONT.CACAU	11.387	9.125	4.823
40	22042100 OUTS.VINHOS,MOSTOS DE UVAS,FERM.IMPED.ALCOOL,RECIPS<=2L	10.173	9.319	6.177
41	15020012 SEBO BOVINO,FUNDIDO	14.535	2.936	1.615
42	04051000 MANTEIGA	14.656	2.387	6.255
43	10083090 ALPISTE,EXCETO PARA SEMEADURA	7.970	8.903	6.390
44	33012990 OUTROS OLEOS ESSENCIAIS	14.349	2.185	16
45	41043120 COURO/PELE BOVINA,PREPAR.APOS CURTIM.PLENA FLOR,C/ACAB.	7.476	8.507	0
46	03037990 OUTROS PEIXES CONGELADOS,EXC.FILES,OUTROS CARNES,ETC.	9.329	6.580	2.899
47	01029090 OUTROS BOVINOS VIVOS	13.350	2.328	10.627
48	08132010 AMEIXAS SECAS,COM CAROCO	8.334	7.139	3.035
49	23040090 BAGACOS E OUTS.RESIDUOS SOLIDOS,DA EXTR.DO OLEO DE SOJA	14.608	848	0
50	03026990 OUTROS PEIXES FRESCOS,REFRIG.EXC.FILES,OUTS.CARNES,ETC.	8.053	6.502	3.236
51	04069020 QUEIJOS CONT.36%<=TEOR DE UMIDADE<46%,(MASSA SEMIDURA)	8.591	4.622	5.886
52	02011000 CARCACAS E MEIAS CARCACAS DE BOVINO,FRESCAS OU REFRIGER	12.869	73	8.219
53	04069010 QUEIJOS CONT.TEOR DE UMIDADE<36%,EM PESO (MASSA DURA)	6.619	5.710	1.492
54	02044200 OUTRAS PECAS NAO DESOSSADAS DE OVINO,CONGELADAS	9.053	3.158	1.197
55	02062200 FIGADOS DE BOVINO,CONGELADOS	10.243	1.777	2.304
56	48101100 PAPEL P/ESCREVER,ETC.FIBRA PROC.MEC<=10%,P<=150G/M2	6.454	5.544	73
57	24012030 FUMO N/MANUF.TOTAL/PARC.DESTAL.FLS.SECAS,ETC.VIRGINIA	3.235	8.360	7.934
58	33011300 OLEO ESSENCIAL,DE LIMAO	919	10.572	442
59	41043912 OUTS.COUIROS/PELES,DE BOVINO,PREPAR.APOS CURTIM.C/ACABAM	5.568	5.190	0
60	21021000 LEVEDURAS VIVAS	4.524	6.117	5.102
61	08094000 AMEIXAS E ABRUNHOS,FRESCOS	5.394	4.872	3.492
62	35079049 OUTRAS ENZIMAS PREPARADAS	6.133	3.958	1.257
63	07133329 OUTROS FEIJOS COMUNS,BRANCOS,SECOS,EM GRAOS	4.859	4.342	2.607
64	51121100 TECIDOS DE LA/PELOS FINOS,PENTEAD.(CONT>=85%),P<=200G/M2	5.015	4.088	2.009
65	10011090 TRIGO DURO,EXCETO PARA SEMEADURA	6.301	2.682	1.258
66	10063029 OUTROS TIPOS DE ARROZ SEMIBRANQUEADO,ETC.N/PARBOILIZADO	4.570	4.295	4.495
Outros		308.594	230.337	245.204
Total		2.945.520	2.449.534	1.729.201

¹Componentes do agronegócio definidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.²Até setembro de 2002

Fonte: Disponível em: <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em 2002.

TABELA 7 - Importação Brasileira de Produtos Agrícolas do MERCOSUL, 2000-2002¹

Código	Descrição NCM	(conclusão)		
		Partic. (%) ²		
		Simple	Acum.	
1	10019090	TRIGO (EXC. TRIGO DURO OU P/SEMEADURA), E TRIGO C/CENTEIO	31,2	31,2
2	12010090	OUTROS GRAOS DE SOJA, MESMO TRITURADOS	5,0	36,2
3	04022110	LEITE INTEGRAL, EM PO, MATERIA GORDA > 1,5%, CONCENTR. N/ADOC	4,7	40,9
4	10059010	MILHO EM GRAO, EXCETO PARA SEMEADURA	4,2	45,2
5	11071010	MALTE NAO TORRADO, INTEIRO OU PARTIDO	3,8	49,0
6	41043119	OUTS. COUROS/PELES BOVINAS, PREPAR. CURT. PLENA FLOR, S/ACAB	3,2	52,2
7	47032100	PASTA QUIM. MADEIRA DE CONIFERA, A SODA/SULFAT. SEMI/BRANQ	2,4	54,7
8	10062020	ARROZ ("CARGO" OU CASTANHO), DESCASCADO, NAO PARBOILIZADO	1,9	56,5
9	10063021	ARROZ SEMIBRANQUEADO, ETC. N/PARBOILIZADO, POLIDO, BRUNIDO	1,9	58,4
10	08082010	PERAS FRESCAS	1,6	60,0
11	20041000	BATATAS PREPARADAS OU CONSERVADAS, CONGELADAS	1,6	61,5
12	52010090	OUTROS TIPOS DE ALGODAO NAO CARDADO NEM PENTEADO	1,5	63,0
13	02013000	CARNES DESOSSADAS DE BOVINO, FRESCAS OU REFRIGERADAS	1,4	64,5
14	07032090	OUTROS ALHOS FRESCOS OU REFRIGERADOS	1,4	65,9
15	11010010	FARINHA DE TRIGO	1,3	67,1
16	52010020	ALGODAO SIMPLEMENTE DEBULHADO, NAO CARDADO NEM PENTEADO	1,2	68,3
17	15071000	OLEO DE SOJA, EM BRUTO, MESMO DEGOMADO	1,0	69,4
18	07133319	OUTROS FEIJOS COMUNS, PRETOS, SECOS, EM GRAOS	1,0	70,4
19	03042010	FILES DE MERLUZAS, CONGELADOS	1,0	71,4
20	07112010	AZEITONAS CONSERV. COM AGUA SALGADA	1,0	72,3
21	10061092	ARROZ ("PADDY") COM CASCA, NAO PARBOILIZADO (N/ESTUFADO)	1,0	73,3
22	03042090	FILES DE OUTROS PEIXES, CONGELADOS	0,8	74,1
23	10030091	CEVADA CERVEJEIRA	0,7	74,8
24	23040010	FARINHAS E "PELLETS", DA EXTRACAO DO OLEO DE SOJA	0,7	75,5
25	08081000	MACAS FRESCAS	0,7	76,2
26	04012010	LEITE UHT, 1% < MATERIA GORDA <= 6%, NAO CONCENTRADO, N/ADOC.	0,7	76,8
27	04021010	LEITE EM PO, MAT. GORDA <= 1,5%, ARSENIUM < 5PPM, CONCENTR. ADOC.	0,7	77,5
28	02023000	CARNES DESOSSADAS DE BOVINO, CONGELADAS	0,6	78,1
29	20057000	AZEITONAS PREPARADAS/CONSERV. N/CONG. EXC. EM VINAGRE, ETC.	0,6	78,7
30	48184010	FRALDAS DE PAPEL	0,6	79,2
31	10070090	SORGO EM GRAO, EXCETO PARA SEMEADURA	0,6	79,8
32	07031019	OUTRAS CEBOLAS FRESCAS OU REFRIGERADAS	0,5	80,3
33	44101900	OUTROS PAINEIS DE MADEIRA	0,5	80,8
34	04021090	OUTS. LEITES, CREMES, EM PO, MAT. GORDA <= 1,5%, CONCENTR. ADOC.	0,5	81,3
35	15099090	OUTROS AZEITES DE OLIVA	0,5	81,8
36	15121110	OLEO DE GIRASSOL, EM BRUTO	0,4	82,2
37	02012090	OUTRAS PECAS NAO DESOSSADAS DE BOVINO, FRESCAS OU REFRIG	0,4	82,6
38	15121911	OLEO DE GIRASSOL, REFINADO, EM RECIPIENTE C/CAPACID. <= 5L	0,4	83,0
39	18069000	OUTROS CHOCOLATES E PREPARACOES ALIMENTICIAS CONT. CACAU	0,4	83,4
40	22042100	OUTS. VINHOS, MOSTOS DE UVAS, FERM. IMPED. ALCOOL. RECIPS <= 2L	0,4	83,8
41	15020012	SEBO BOVINO, FUNDIDO	0,3	84,1
42	04051000	MANTEIGA	0,3	84,4
43	10083090	ALPISTE, EXCETO PARA SEMEADURA	0,3	84,7
44	33012990	OUTROS OLEOS ESSENCIAIS	0,3	85,0
45	41043120	COURO/PELE BOVINA, PREPAR. APOS CURTIM. PLENA FLOR, C/ACAB.	0,3	85,3
46	03037990	OUTROS PEIXES CONGELADOS, EXC. FILES, OUTROS CARNES, ETC.	0,3	85,6
47	01029090	OUTROS BOVINOS VIVOS	0,3	85,9
48	08132010	AMEIXAS SECAS, COM CAROCO	0,3	86,2
49	23040090	BAGACOS E OUTS. RESIDUOS SOLIDOS, DA EXTR. DO OLEO DE SOJA	0,3	86,5
50	03026990	OUTROS PEIXES FRESCOS, REFRIG. EXC. FILES, OUTS. CARNES, ETC.	0,3	86,8
51	04069020	QUEIJOS CONT. 36% <= TEOR DE UMIDADE < 46%, (MASSA SEMIDURA)	0,2	87,0
52	02011000	CARCACAS E MEIAS CARCACAS DE BOVINO, FRESCAS OU REFRIGER	0,2	87,2
53	04069010	QUEIJOS CONT. TEOR DE UMIDADE < 36%, EM PESO (MASSA DURA)	0,2	87,5
54	02044200	OUTRAS PECAS NAO DESOSSADAS DE OVINO, CONGELADAS	0,2	87,7
55	02062200	FIGADOS DE BOVINO, CONGELADOS	0,2	87,9
56	48101100	PAPEL P/ESCREVER, ETC. FIBRA PROC. MEC <= 10%, P <= 150G/M2	0,2	88,1
57	24012030	FUMO N/MANUF. TOTAL/PARC. DESTAL. FLS. SECAS, ETC. VIRGINIA	0,2	88,4
58	33011300	OLEO ESSENCIAL, DE LIMAO	0,2	88,6
59	41043912	OUTS. COUROS/PELES, DE BOVINO, PREPAR. APOS CURTIM. C/ACABAM	0,2	88,8
60	21021000	LEVEDURAS VIVAS	0,2	89,0
61	08094000	AMEIXAS E ABRUNHOS, FRESCOS	0,2	89,2
62	35079049	OUTRAS ENZIMAS PREPARADAS	0,2	89,3
63	07133329	OUTROS FEIJOS COMUNS, BRANCOS, SECOS, EM GRAOS	0,2	89,5
64	51121100	TECIDO DE LA/PELOS FINOS, PENTEAD. (CONT >= 85%), P <= 200G/M2	0,2	89,7
65	10011090	TRIGO DURO, EXCETO PARA SEMEADURA	0,2	89,8
66	10063029	OUTROS TIPOS DE ARROZ SEMIBRANQUEADO, ETC. N/PARBOILIZADO	0,2	90,0
	Outros		10,0	100,0
	Total		100,0	-

¹Componentes do agronegócio definidos pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

²Participação média no período 2000-2001.

Fonte: Disponível em: <<http://alicerweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: 2002.

região e, por hora, não se visualizam mudanças no cenário, até porque o mundo todo encontra-se sob profundas incertezas quanto ao futuro.

O MERCOSUL é um projeto de integração de longo prazo, formalizado em acordos internacionais, e embora possa ter seus planos atrasados pela conjuntura desfavorável que os membros do bloco enfrentam na atualidade, não

significa que os planos foram abandonados. Pelo contrário, a diplomacia dos países envolvidos tem deixado claro que o projeto MERCOSUL transcende as dificuldades conjunturais e os governos têm se empenhado em fazer concessões mútuas no sentido de minimizar os efeitos da crise, com vistas a retomar o rumo da integração o mais cedo possível.

LITERATURA CITADA

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores (MRE). **Mercosul: origem, legislação, textos básicos**. Brasília, 1992.

PREBISCH, R. O desenvolvimento econômico da América Latina e seus principais problemas. **Revista Brasileira de Economia**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 47-111, set. 1949.

RAMOS, J. Crecimiento, crisis y viraje estratégico. **Revista de la Cepal**, Santiago de Chile, n. 50, p. 63-79, ago. 1993.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Abril Cultural, 1982. 286 p. (Coleção dos Economistas).

MERCOSUL:

origem, evolução e impactos no comércio brasileiro

RESUMO: *Dentre as estratégias de desenvolvimento da América Latina, a integração econômica entre os países da região era considerada fundamental para ampliar o mercado e permitir ganhos de escala na incipiente indústria regional. Em 1960 o processo de integração regional teve início e a criação do MERCOSUL, em 1991, representa continuidade dessa estratégia. Até 1997 o comércio entre os membros desse bloco cresceu a taxas muito elevadas, sendo que a intensificação do comércio brasileiro foi maior com a Argentina. A partir desse ano, os membros do MERCOSUL enfrentaram restrições externas que resultaram em redução acelerada do comércio entre eles. Como a integração é um projeto de longo prazo, que transcende as dificuldades conjunturais, uma vez superada a crise, os membros do bloco devem retomar seus planos comuns com vistas no desenvolvimento econômico.*

Palavras-chave: *comércio internacional, MERCOSUL, desenvolvimento econômico.*

MERCOSUL:

origin, evolution and impact on Brazilian trade

ABSTRACT: *Within the framework of Latin American development strategies the economic integration effort among bloc members has been emphasized as fundamental to market enlargement and scale economy gains in the incipient industry of the region. The regional integration process began in 1960 and the creation of Mercosul in 1991 represented a continuance of that effort. Up to 1997 high rates of trade were experienced by Mercosul members, the highest intensification of Brazilian trade being with Argentina. External restrictions imposed to Mercosul members thereafter resulted in an accelerated reduction in inter-regional trade. Inasmuch as integration is a long-term project transcending conjunctural difficulties, bloc members should resume their common plans to reach economic development once this crisis is overcome.*

Key-words: *international trade, MERCOSUL, economic development.*

Recebido em 28/11/2002. Liberado para publicação em 20/12/2002.

Informações Econômicas, SP, v.33, n.4, abr. 2003.